



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LAIANNY CORDEIRO SILVA DE SOUZA

**MEMÓRIAS SOBRE A CAPELA SANTA CRUZ DA
MARRECA**

**GUARABIRA – PB
2014**

LAIANNY CORDEIRO SILVA DE SOUZA

**MEMÓRIAS SOBRE A CAPELA SANTA CRUZ DA
MARRECA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Susel Oliveira da Rosa

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719m Souza, Laianny Cordeiro Silva de
Memórias sobre a capela Santa Cruz da Marreca [manuscrito]
: / Laianny Cordeiro Silva de Souza. - 2014.
20 p. : il.

Digitado
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2014.

*Orientação: Susei Oliveira da Rosa, Centro de
Humanidades*.

1. Memória. 2. História. 3. Santa Cruz da Marreca. I. Título.
21. ed. CDD 981,

MEMÓRIAS SOBRE A CAPELA SANTA CRUZ DA MARRECA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em História.

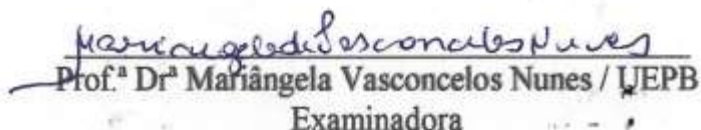
Aprovada em 11/06/2014.



Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa / UEPB
Orientadora



Prof. Me. Flávio Carreiro de Santana / UEPB
Examinador



Prof.^a Dr.^a Mariângela Vasconcelos Nunes / UEPB
Examinadora

MEMÓRIAS SOBRE A CAPELA SANTA CRUZ DA MARRECA

SOUZA, Laianny Cordeiro Silva de¹

RESUMO

Buscamos reconstruir, neste trabalho, a história (ou as histórias) da Capela Santa Cruz da Marreca, existente, aproximadamente, entre as décadas de 1910-1980, no município de Itapororoca (PB). Para a concretização deste nosso objetivo, entrevistamos sete pessoas que contribuíram relatando as suas experiências com relação a esse ambiente. Frisamos que o local onde esta Capela foi construída continua sendo frequentado por pessoas que permanecem realizando suas promessas e orações. Procuramos, ainda, enfatizar a importância e a utilização dos relatos orais na construção da narrativa, assim como, considerações sobre a memória e o manuseio do passado.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História. Santa Cruz da Marreca.

Experiência, narração e memória: fragmentos da Capela

Esta Capela foi erguida envolta de um cruzeiro que lá, há tempos, já existia. Este cruzeiro era para informar a morte de um possível indigente que estava passando de viagem pelo local com destino ignorado e que pediu, na casa de um dos moradores da fazenda, as “tripas” (sementes) de jerimum, que sendo negado pela moradora cujo nome, também é desconhecido, caiu logo adiante de tanta fome, vindo a óbito. Tempos depois desse ocorrido, a primeira esposa do coronel mandou construir a capela. (Josefa Ferreira)²

Antes da Capela, tinha somente um cruzeiro, que indicava a morte de Manoel Alexandre. Esse homem era muito rico. Ele morava no sítio Riachão e num dia, bem cedinho, montado no seu cavalo, com destino a Mamanguape, onde iria comprar alimentos para ele e sua família, pois, faltava na região, caiu naquele local com fome e morreu. Ele era um homem que tinha dinheiro, mas, mesmo assim, morreu de fome. (Maria Bernadete)³

O passado oferece fragmentos das situações já vividas, tendo em vista que os seres humanos não detêm o poder de armazenar na memória todas as coisas pelas quais já passaram. O autor Jorge Luís Borges, no texto *Funes, O memorioso* (2007), demonstra o peso que era para o personagem Funes carregar todas as suas lembranças, detendo, nesse caso, uma memória total, onde não era possível fazer uma seleção; porém, essa seleção é necessária.

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História, pela UEPB, Campus III, cidade de Guarabira (PB). E-mail: laiannylook@hotmail.com

² Entrevista à autora em 11/08/2013. Josefa Ferreira foi moradora da fazenda Santa Cruz até a divisão das terras que aconteceu após a morte do coronel Milton Cartaxo.

³ Entrevista à autora em 11/02/2014. Maria Bernadete, desde criança, participa dos eventos católicos, juntamente, com os seus pais (Manoel Marinho e Maria Helena) que são bastante religiosos.

Portanto, os relatos aqui descritos sobre a Capela foram reunidos e interpretados levando em consideração o fato de que passaram por uma seleção e que cada indivíduo que forneceu os fragmentos dessa história, contou sua versão de acordo com as suas vivências e ligações, ou seja, exercendo sua singularidade; mesmo sendo o grupo que o indivíduo faz parte um grande influenciador na memória individual e articulador das lembranças.

A partir dessa consciência sobre a existência de variadas versões numa mesma história, utilizamos o filme *Narradores de Javé*, do ano de 2003, sob a direção de Eliane Caffé, para exemplificar a situação em que encontramos a história da Capela, que, em muito, se parece com as cenas do filme, haja vista, as lembranças se encontrarem espalhadas entre as pessoas que fizeram parte ou que, simplesmente, desta história ouviram falar.

Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. [...] Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata. (BENJAMIN, 1994, p, 205)

Essa citação nos apresenta um personagem fundamental nesse texto, ou seja, o narrador. “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.” (BENJAMIN. 1994, p, 213) Os narradores das memórias da Capela Santa Cruz da Marreca nos contam o que conseguem lembrar das suas experiências nesse lugar. Salientamos que a memória funciona a partir da lembrança e do esquecimento, logo, para lembrar é preciso esquecer. Esquecimento esse que não era possível de ser realizado pelo personagem Irineu Funes que era um minucioso observador e descritor de detalhes imediatos.

Na atualidade, cada vez mais os acontecimentos só têm valor enquanto são atuais, há uma banalização dos fatos. São dadas informações cheias de explicações minuciosas. Assim, tornamo-nos pobres de histórias surpreendentes, como nos diz Walter Benjamin no seu texto *O narrador*. E a figura do narrador, a escrita, a leitura, a experiência vai se tornando empobrecida. São consequências do que foi vivido na guerra das trincheiras, onde aqueles que puderam retornar, tendo vivido situações terríveis nos lugares por onde a guerra aconteceu, voltaram emudecidos. Sendo essa uma nova maneira de se portar, ou seja, “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (BENJAMIN. 1994, p, 115). Trata-se do

declínio da narração, já que

[...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. (BENJAMIN, 1994, p, 200)

Isto é, vivemos numa sociedade individualista onde as histórias mais próximas não geram maior interesse. Perdendo-se, desse modo, muitas histórias surpreendentes que são contadas, mas, logo esquecidas, ou, nem sequer são contadas, passando despercebidas.

Cada vez mais, as pessoas se confinam dentro dos seus lares, onde residem cada vez menos pessoas. Por exemplo, os idosos que muito tem para nos contar, são em muitos casos instalados nas casas de repouso ou sanatórios. Estes não falecem perto dos seus familiares como acontecia antigamente. “Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos. Antes não havia uma só casa e quase nenhum quarto em que não tivesse morrido alguém.” (BENJAMIN. 1994, p, 207)

Diante de uma doença, mesmo que de gravidade moderada, busca-se de imediato uma clinica ou hospital para internar o doente. Desaparecendo com isso, o cenário onde o enfermo ou moribundo podia contar as suas histórias de vida para os parentes que estavam a todo o instante do seu lado, que iam visitá-lo na sua casa e escutar suas palavras.

Além do mais, as pessoas alegam estar, gradativamente, mais ocupadas com algo do seu próprio interesse.

O que se poderia, no entanto, verificar, na sociedade em que vivemos, é a hipótese mais geral de que o homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade de memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado. (BOSI, 1994, p, 63)

Neste sentido, as pessoas ativas estando num constante atraso e sem tempo para nada, tem a situação agravada quando se trata de disponibilidade para conversas longas e sobre fatos já passados. “Desaparece o dom de ouvir e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.” (BENJAMIN. 1994, p, 205) Enfatizando a importância do papel do ouvinte que, também, pode se tornar narrador, detentor de histórias fantásticas, que podem ser compartilhadas por gerações, como é o caso das memórias sobre a Capela Santa Cruz da Marreca. A “memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida.” (BOSI, 1994, p, 47) Ela é o conhecimento próprio que o

indivíduo tem das coisas, ou seja, as suas próprias lembranças, permitindo, desse modo, que o passado sobreviva.

No texto de Ecléa Bosi, temos o estudo de Bergson, que busca, através da figura de um cone invertido, iniciar a sua explicação sobre “a diferença entre o espaço profundo e cumulativo da memória e o espaço raso e pontual da percepção imediata.” (BOSI, 1994, p, 47) O cone é representado de modo invertido porque é sempre do presente, das nossas experiências atuais que partimos para o passado, no caso, para aquilo que já vivemos.

É por meio dos atos perceptivos que chamamos o passado, isto é, o passado age no nosso corpo em situações diversas de maneira automática ou em forma de lembrança pura:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *Memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem as lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1994, p, 48)

Portanto, a lembrança é automática quando realizamos feitos de forma rotineira, quer dizer, as nossas práticas diárias. E lembrança pura é quando invocamos algo que chamou nossa atenção, de forma peculiar, individual.

Logo, buscarei as lembranças singulares para registrar parte da conservação do vivido com relação à Capela Santa Cruz da Marreca, as lembranças que marcaram a vida dos nossos entrevistados e entrevistadas no que diz respeito a essa capela.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor.
(BOSI, 1994, p, 55)

Por isso, concluímos que, no que se refere ao passado, o que dispomos é de pequenas porções, “a experiência da releitura é apenas um exemplo, entre muitos, da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra tem em comum com o historiador.” (BOSI, 1994, p, 59) E isso resulta em versões variadas de como o evento realmente aconteceu, visto que, o tempo não retroagirá e a importância dada durante o momento presente onde a mesma situação estará sendo descrita não acontecerá da mesma forma e intensidade que na ocasião já passada.

Frisamos, ainda, que quando diversas pessoas são chamadas para dar sua versão de um mesmo evento, tornam-se nulas as chances de que as versões saiam iguais. Pois, além do que

já foi citado sobre o tempo e a importância dada, outro fator que surge nessa situação é o fato de que aquilo que chega a ser importante e deve ser comentado na história de um dos indivíduos, pode não ser para os outros. As interpretações de um mesmo fato podem ser diversas e detalhes importantes que ainda não foram citados podem surgir.

“A memória de um indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” (BOSI, 1994, p, 54) O lugar assumido pelo indivíduo num determinado grupo vai deixar transparecer nos seus atos e recordações o quanto de influência ele sofrerá. Quanto mais participação e apego aos eventos do grupo, mais sensação de pertencimento o indivíduo sentirá e demonstrará.

Inicialmente, buscamos, para fundamentar este trabalho, autores e autoras que trabalharam em obras a respeito da memória, dos relatos orais e da construção das narrativas e do personagem narrador a exemplo de: Walter Benjamin, Ecléa Bosi, Rodrigo Poreli Moura Bueno, Jorge Luis Borges, Guilherme do Val Toledo Prado, dentre outros. Em seguida, partimos em busca dos vestígios da Capela e entrevistamos sete pessoas que detinham informações sobre ela. Consideramos que,

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1994, p, 198)

Logo, os relatos de nossos entrevistados e nossas entrevistadas foram distribuídos, neste artigo, na pluralidade das suas versões. As entrevistas aconteceram em dois dias, sendo que, no primeiro dia, foram quatro entrevistados e, no segundo dia, três entrevistados. Não foi obedecido um roteiro específico. Levando em consideração que “[...] o ato de contar uma história faz com que ela seja preservada do esquecimento, criando-se a possibilidade de ser contada novamente e de outras maneiras.” (PRADO; SOLIGO, 2005, p, 53). Buscamos entre os sete entrevistados e entrevistadas (Maria das Dores, Antônio Ferreira, Josefa Ferreira, Maria José, Maria Bernadete, Noêmia Amaro e Valdeci Pereira) o relato das suas lembranças. De forma que eles e elas iniciassem buscando na memória o que tinha ficado sobre a Capela Santa Cruz da Marreca. E, ao passo que as lembranças iam sendo faladas pelos nossos narradores, eram sendo registradas na forma escrita.

“Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de suas experiências, como numa escada.” (BENJAMIN. 1994, p,

215) Não sendo diferente com estes e estas que entrevistamos, que partiram do presente para o passado já vivido, sem, precisamente, obedecer a uma ordem severa dos fatos.

Apenas quando os entrevistados e entrevistadas cessavam a narração dos fatos a seu modo, é que levantávamos alguma questão sobre algo que já havia sido falado por algum deles ou delas e aí surgiam os detalhes preciosos. Sendo assim possível a construção deste artigo que almeja fazer sobreviver a história (ou as histórias) da Capela Santa Cruz da Marreca, que foi muito importante para a religiosidade do povo de Itapororoca quando existia na sua forma física. Sendo, ainda hoje, seu local visitado por algumas pessoas.

Registramos, ainda, imagens do local onde ela funcionou e fizemos uso do filme *Narradores de Javé*, para que, assim, pudéssemos refletir sobre o fazer História na contemporaneidade.

Assim como aconteceu no estudo a respeito da memória dos velhos, de Ecléa Bosi, fomos, simultaneamente, durante o recolhimento das informações, sujeito e objeto.

Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. (BOSI, 1994, p, 38).

Não estávamos em busca de uma verdade universal. Mas sim, de vestígios que nos ajudassem a fundamentar a construção desta narrativa que será apenas uma versão das muitas que, certamente, surgirão dada a popularidade dessa capela entre as pessoas da região e da sua importância para a memória e história local.

A recriação de um mundo anterior é importante para o fortalecimento das relações sociais, para a constituição de um nós, de um sentimento de pertencimento comum, onde o passado deveria ser visto como algo acabado, porém como um tempo possível de ser ressignificado, a partir do presente em direção ao futuro. (MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO; 2012, p, 189)

Deixando, a partir dos resultados aqui obtidos, uma nova fonte para outras pesquisas que irão originar em muitas outras versões e que podem discordar ou concordar com esta, considerando que a História é marcada por seleções que são feitas de acordo com o lugar em que o historiador se encontra.

Esta Capela existiu por mais de 70 anos, aproximadamente, entre as décadas de 1910-1980 – na Fazenda Santa Cruz, atualmente chamada de Fazenda Beira Rio, localizada no município de Itapororoca (PB), antigamente chamado “comunidade” de São João Batista, da cidade de Mamanguape (PB). A fazenda se encontrava próxima aos Sítios Carnaúba e Lagoa do Saco, cuja propriedade era do senhor Milton Alves Cartaxo (vulgo coronel Milton) e sua

esposa, a senhora Maria Silvia Nassa Cartaxo (Dona Mariquita). Esta foi citada por Josefa Ferreira, uma das entrevistadas para a realização desse trabalho, como a responsável pela ordem de construção da capela.

Nenhum dos nossos entrevistados ou nossas entrevistadas souberam dizer de forma precisa o ano em que a Capela foi construída. Maria das Dores – Dona Dora – que está com mais de 85 anos nos afirmou, “estou com essa idade todinha e quando era mocinha está Capela já existia. O povo já fazia procissão para lá, rezava terços e fazia novenas.”⁴ Já Josefa Ferreira acha que “ela existiu por mais de 70 anos,”⁵ e Maria Bernadete, acredita que “essa Capela pode ter sido centenária.”⁶

Entre os entrevistados, também, se encontrava o senhor Antônio Ferreira – Seu Cutia – que nos contou que “a capela era próxima ao engenho existente na fazenda e de uma lagoa, onde se tinha muitas marrecas⁷. Por isso, o nome Capela Santa Cruz da Marreca.”⁸



Figura 1 - Foto da área onde a Capela Santa Cruz da Marreca foi erguida. Com ênfase na cruz, que permanece em pé e que antes fazia parte do altar da Capela. (28/02/2014)

Dando continuidade com o relato da senhora Josefa Ferreira, ela nos diz que, após, construída a capela, começaram as rezas e as promessas e, com o passar do tempo, às procissões. Que só aumentaram, ao passo que iam sendo alcançados os pedidos. E que os

⁴ Entrevista à autora em 09/08/2013. Maria das Dores foi moradora do Sitio Lagoa do Saco, no período de solteira. Esse Sítio fica próximo do local onde a Capela foi construída. Após o seu casamento com Justo Lino, passaram a morar na localidade chamada, na época, de Ariado, na comunidade de São João Batista. Hoje, Rua Padre João Madruga, Itapororoca (PB).

⁵ Entrevista à autora em 11/08/2013.

⁶ Entrevista à autora em 04/02/2014.

⁷ De acordo com Priberam Dicionário, fêmea do marreco. Espécie de pato de pequenas dimensões (*Anas querquedula*), cujo macho tem cabeça castanha com uma lista branca. Disponível em: www.priberam.pt/dlpo/Marrecas. Acesso em 27 de janeiro de 2014. Às 19h: 57min.

⁸ Entrevista à autora em 11/08/2013. Seu Antônio Ferreira é pai da senhora Josefa Ferreira, empregado e, também, morador da fazenda Santa Cruz, juntamente, com sua família na época de existência e funcionamento da Capela. Hoje em dia, moradores da Praça Carlos Lopes, na cidade de Itapororoca (PB).

fiéis, em troca dos resultados, depositavam lá cabeças, pés, braços, pernas, principalmente feitos de madeira, cortes de cabelos, orações e outros, tudo isso dependia da promessa feita. “Nos sábados e domingos chegaram a vir pessoas de outros estados, como o Rio Grande do Norte, tamanha era importância do lugar. Lá, o padre Zé Paulo chegou a realizar missas, reunindo muitos fiéis.”⁹

Fornecido por Maria Bernadete, o nome completo do Padre chamado por Zé Paulo era “Cônego José Paulo de Almeida – *in memoriam*. Ele ia, no máximo, de três em três meses, fazer missas lá.”¹⁰

Todas as versões contadas por nossos entrevistados e entrevistadas sobre a origem da Capela, mesmo com detalhes particulares, iniciavam com a morte de um homem que deu origem ao cruzeiro, onde depois foi construída a Capela.

Maria Bernadete alega que

o povo que morava lá, contava sobre a morte desse homem que morreu de fome, e aí, essa história logo se espalhou. O fato é que as pessoas que tinham condições não reconheceram nele a presença de Deus, deixando que ele morresse de fome. Tendo Deus se compadecido desse sofrimento começou a gerar graças no local onde ele foi enterrado.¹¹

Já Valdeci Pereira disse que “nessa época teve uma crise de fome e esse homem não tendo se alimentado morreu no local onde depois foi feito o cruzeiro para anunciar a sua morte.”¹²

Dona Noêmia Amaro continua a entrevista afirmando “era uma Santa cruz, porque, mesmo antes da construção, o povo já fazia orações, depois construíram a Capela, aí, ficou Santa Cruz da Marreca por causa da lagoa da marreca.”¹³

Sobre a realização das procissões a senhora Maria José – Lia – comenta,

algumas pessoas ao fazerem suas promessas e, tendo os pedidos alcançados, convidavam outras pessoas para saírem em procissão até lá na Capela, onde a promessa seria paga. Lá acendiam velas e rezavam diante de uma cruz onde estava a imagem de Jesus Cristo e outra imagem a da mãe dele, Nossa Senhora.¹⁴

Já Dona Noêmia Amaro, enfatiza-nos que,

⁹ Entrevista à autora em 11/08/2013.

¹⁰ Entrevista à autora em 04/02/2014.

¹¹ Entrevista à autora em 04/02/2014.

¹² Entrevista à autora em 04/02/2014. Valdeci Pereira é sobrinho de Dona Noêmia Amaro, que foi mencionada por Maria Bernadete e também foi nossa entrevistada. Freqüentador da Capela.

¹³ Entrevista à autora em 04/02/2014. Dona Noêmia Amaro, também foi, moradora da fazenda Santa Cruz, onde lá passou 24 anos de sua vida.

¹⁴ Entrevista à autora em 11/08/2013. Maria José foi moradora do Sítio Carnaúba, na época de funcionamento da Capela Santa Cruz da Marreca e sua freqüentadora.

a Capela, no período que morei lá, já funcionava. Eu fui a responsável por fazer muitos terços, onde fazia as leituras, assim como, organizei varias novenas do mês de maio. Uma vez fui buscar uns anjos na comunidade da Tainha para a coroação que acontecia na ultima noite do mês de maio. O coronel alugou um carro para eu ir, ele gostava da presença do povo fazendo as rezas.”¹⁵

Eram muitas pessoas que acreditavam que, indo nessa Capela, seus pedidos seriam atendidos. Valdeci Pereira nos disse que “o povo vinha nessa época dos sítios Riachão, Bonita, Arroz, Mulungu, a maioria a pé, pelas estradas a fora, para poder participar das rezas.”¹⁶

Todos os anos, num mesmo dia, era feita uma procissão específica, e a entrevistada Maria Bernadete acredita que “era em comemoração ao dia em que a Capela fazia aniversário. As pessoas carregavam cruz de madeira, pedras, caminhavam descalças, vestiam mortalhas, dentre outras ações. Tudo em busca das graças.”¹⁷

No que diz respeito às promessas, os relatos foram os mais variados e, dentre eles estão o de Dona Noêmia Amaro:

meu filho levou uma furada na perna quando ia subindo no cavalo, num negócio que usa no animal, aquela furada virou uma ferida que não ficava boa, ai fiz uma promessa que se ele ficasse bom, eu levaria em procissão da minha casa até a capela uma perna de madeira e lá faria uma novena. Assim, sai chamando o povo que foi chamando mais gente, e muitos compareceram no dia da procissão. Sendo que quando fomos pagar ele já estava bom.¹⁸

Já Maria José informa o seguinte:

Minha mãe fez várias promessas, mas, as que lembro nitidamente foi quando furei meu pé direito com um pedaço de madeira e fiquei sem andar por quase um mês, com ele inchado e inflamado, ai minha mãe prometeu que se eu melhorasse levaríamos um pé de madeira para a capela. E eu fiquei boa logo em seguida. A outra vez foi quando os bichos que ela criava, como galinhas, patos, galinha d'angola e outros, começaram a morrer um seguido do outro. Então ela prometeu que se essas mortes cessassem ela varreria a capela e o lixo apanharia¹⁹ na saia e, assim, ela fez. Cheguei, inclusive, a fazer com ela.²⁰

Outro exemplo é o da senhora Josefa Ferreira:

meu filho sofria com muita dor de cabeça e eu, com minha preocupação de mãe, prometi que se ele ficasse curado desse mal, eu levaria uma cabeça de madeira para pagar a promessa e, assim, fiz logo que ele melhorou.²¹

¹⁵ Esclareço que, uns anjos, nesse relato, significam crianças vestidas de branco e usando asas, que ficam no altar das igrejas católicas na hora da cerimonia. Entrevista à autora em 04/02/2014.

¹⁶ Entrevista à autora em 04/02/2014.

¹⁷ Entrevista à autora em 04/02/2014.

¹⁸ Entrevista à autora em 04/02/2014.

¹⁹ Expressão usada quando as mulheres recolhem o lixo na parte de baixo da saia.

²⁰ Entrevista à autora em 11/08/2013.

²¹ Entrevista à autora em 11/08/2013.

Maria Bernadete não chegou a fazer promessas para pagar na Capela, mas foi, várias vezes, acompanhar seu pai que ia pagar promessas de outras pessoas. Ela narra que “muitas vezes ia lá com meu pai, mesmo sendo distante, nós íamos a pé. Dona Noêmia Amaro, que era moradora da fazenda na época, chegou a nos servir, na sua casa, refeições como lanches e janta.”²²



Figura 2 - Foto de um pé de madeira depositado no segundo degrau da base da cruz. E mais abaixo, no terceiro degrau, uma vela aparentemente recente. (28/02/2014)



Figura 3 - Foto de uma cabeça de madeira e restos de velas depositados na base da cruz. (28/02/2014)

Finalizando a entrevista, a senhora Josefa Ferreira nos conta que,

com a morte do “coronel” Milton há mais de 27 anos atrás, suas terras foram divididas entre os seus herdeiros. E os moradores tiveram que sair de lá. Assim, a parte onde existia a Capela ficou para um de seus filhos, Milton Alves Cartaxo Filho, que não fez mais reparos na capela e que, essa atitude, juntamente, com as ações do tempo e dos gados que por lá se encostavam às suas paredes, colocaram-na abaixo.²³

No entanto, Maria Bernadete nos apresenta outra versão sobre a destruição da capela: “houve uma cheia no rio Mamanguape que passa nas terras da fazenda. Essa cheia fez a lagoa transbordar e as águas chegaram até a Capela, colocando-a abaixo.”²⁴

Versão que Valdeci Pereira discordou, tendo em vista que “a Capela ficava num local alto e a cheia não tinha conseguido colocar água lá. A queda da Capela aconteceu porque não fizeram mais reparos.”²⁵

²² Entrevista à autora em 04/02/2014.

²³ Entrevista à autora em 11/08/2013.

²⁴ Entrevista à autora em 04/02/2014.

²⁵ Entrevista à autora em 04/02/2014.



Figura 4 - Foto da estrutura que existe atualmente da Capela Santa Cruz da Marreca. (28/02/2014)

Maria Bernadete, então, finaliza dizendo que “as pessoas que tinham condição mandavam materiais para as melhorias da Capela. Acredito que a sua estrutura inicial era rústica, feita de barro. Só depois ela veio ganhar o reboco de cimento.”²⁶

Ainda, sobre o quesito oralidade e ao fato de transformar aquilo que é ouvido para o escrito, tanto esse texto que conta a história da Capela Santa Cruz da Marreca quanto o filme *Narradores de Javé* enfatizam o papel da escrita na contramão do esquecimento. Esquecimento contra o qual os moradores de Javé tentam resistir.

Lembranças versus esquecimento no filme *Narradores de Javé*

No filme, Zaqueu (Nelson Chavier), narrador e personagem da história do Vale de Javé, ao ver Souza (Matheus Nachtergaele), proprietário de um barzinho à margem de um rio, questionando sua mãe que já não era tão jovem, mas desejava aprender a ler e por isso não desgrudava de um livro, diz a todos os que estão presentes que ler e escrever são de grande importância, tendo em vista que ele era testemunha de um grande problema que não se solucionou por falta dessas qualidades.

Souza, então, insiste que ele conte a história e Zaqueu começa dizendo que tudo aconteceu no povoado onde ele cresceu e viveu, ou seja, no Vale de Javé. Nessa cena do filme, assim como, no momento das entrevistas sobre a Capela Santa Cruz da Marreca, podemos perceber aquele momento de contar e ouvir histórias, onde temos o narrador e os ouvintes de que o autor Benjamin fala e que, na nossa sociedade, encontram-se cada vez mais em baixa.

Em Javé, Zaqueu, juntamente com Vado (Rui Rezende), deu a notícia aos moradores e moradoras que aquele povoado seria inundado pelas águas da usina hidrelétrica que, em breve, seria construída; essa informação foi obtida através dos engenheiros que ele e Vado

²⁶ Entrevista à autora em 04/02/2014.

foram procurar. O povo que estava reunido na igreja ficou desesperado e começou a falar todos de uma só vez. Diante dessa situação, Zaqueu afirma que os engenheiros disseram que só existiria uma chance do povoado não ser destruído e isso só seria possível se ele se tornasse patrimônio histórico, fosse tombado.

Surge, portanto, através de Zaqueu a ideia de escrever num livro as histórias da origem do lugar, para que, assim, fossem recolhidas as lembranças que estavam soltas na cabeça do povo e pudesse evitar que a história daquele povoado caísse no esquecimento e, desse modo, fosse destruído em favor da construção da usina. O povo, então se convence de que essa seria a salvação do seu povoado. Porém, surgiu uma nova questão: quem seria o responsável por recolher essas lembranças e escrevê-las no livro? Nesse momento do filme notamos aquilo que é desejado a partir da escrita, tanto no que diz respeito ao filme, como nessa versão da Capela Santa Cruz da Marreca, ou seja, a perpetuação dos feitos, de modo que não venham a ser esquecidos.

Retornando ao filme, Firmino (Gero Camilo), em meio aos falatórios, sugere que chamem Antônio Biá (José Dumont). E, no mesmo instante, todos discordaram. Mas, Zaqueu vê com positividade a sugestão, tendo em vista que ele se lembra da proximidade de Biá com as palavras. Este detinha “[...] criatividade, e o trato com as letras, o habilitavam a escrever a história da cidade.” (CARDOSO, 2008, p, 5)

Biá, outrora, havia sido expulso do povoado porque, sendo funcionário do posto de correios e estando prestes a perde seu emprego, pois não havia circulação de correspondências por lá já que os moradores do local, na sua grande maioria, não sabiam ler e escrever; apenas um ou dois chegavam a ler alguma coisa com muita dificuldade; diante disso, Biá resolveu enviar cartas para todos os seus conhecidos, contando várias histórias difamando os moradores do povoado que se desagradaram ao descobrir esse fato.

Após serem convencidos, parte dos moradores vai à busca de Biá que morava nas redondezas do povoado. Encontrado em casa, Biá é levado a um armazém localizado dentro da cidade. E lá fica sabendo do trabalho que deverá realizar. A partir desse momento, ele exerce, no filme, o papel de um historiador; pois, torna-se responsável por fazer a história de Javé viver para sempre, escrevendo-a no livro:

Nessa função Biá vai ouvindo as pessoas. Várias são as histórias contadas pelos moradores sobre as origens da região e do povoado. Cada narrador, ao falar dos heróis que conduziram a população para o lugar onde Javé foi edificada, coloca os seus antepassados e a si mesmo como herdeiros dessas trajetórias de grandes feitos. As imagens trabalhadas a partir das semelhanças físicas entre o narrador e o “herói” indicam uma relação entre o hoje e o ontem que perpassa toda a produção. (CARDOSO, 2008, p, 5)

Essa variedade de versões que Biá escuta durante suas investigações (Vicentino, Deodora, Maria, o Gêmeo, Pai Cariá e outros), sobre a origem do povoado de Javé, também, aconteceu quando realizamos as entrevistas sobre a Capela Santa Cruz da Marreca (Josefa Ferreira, Maria Bernadete, Maria das Dores, Maria José, Noêmia Amaro e outros). Todos contaram suas versões acrescentando detalhes a narrativa.

No filme, o primeiro a relatar o que sabia e a sua proximidade com a história da origem de Javé foi Vicentino (Nelson Dantas). Biá havia ido a casa desse senhor almejando reencontrar a filha dele, Tereza, com quem namorava. Vicentino conduz Biá a uma sala e retira, de uma pequena mala de madeira, uma imagem de São Jorge e uma “gaúcha” (revólver) que ele diz ter sido usada por Indalécio para matar um boi, quando, durante a viagem em busca do local para fundação de Javé, o povo se encontrava com fome. Indalécio seria o líder que guiava esse povo. Nesse trecho do filme, Biá acredita que essa história poderia ser “melhorada”. Ao invés de Indalécio ter apenas ido lá e matado o boi para seu povo comer, Biá passa a falar que ele chamou dois dos seus homens e mandou que, em silêncio, eles entrassem na boiada e colocassem uns sapatos nas patas do boi para não fazerem barulho e assim não serem descoberto pelos homens que vigiavam a boiada. Vicentino não gosta dessa versão e pede que ele volte atrás. Biá justifica que as informações já foram dadas, pede o nome completo do entrevistado, que se diz chamar Vicentino Indalécio da Rocha, escreve-o no livro e vai embora.

Ao passo que, para a construção desse texto que narra a História da Capela Santa Cruz da Marreca, os relatos começaram sendo contados na casa de Maria das Dores. Lá, assim como, na conversa de Vicentino com Biá, reunimo-nos na sala da sua casa para que ela falasse do tempo que essa Capela existia na sua forma física.

Mais adiante, foi a vez de entrevistar a senhora Josefa Ferreira, que, também, escolheu a sala de sua casa para nos falar da origem e construção da Capela, do seu período de funcionamento, das rezas, das procissões, das promessas, dos pagamentos das promessas (citando uma das promessas que ela mesma fez e pagou na Capela) e, por fim, a queda da construção. Nesse dia, o senhor Antônio Ferreira e Maria José, também, estavam presentes e, na ocasião, contaram o que sabiam sobre o local onde se encontrava a Capela e do nome dado a ela. E, assim, como fez Josefa Ferreira, Maria José nos contou sobre os pagamentos de promessas que havia feito na Capela, onde acompanhava a sua mãe.

Por sua vez, no filme, Deodora (Luci Pereira) foi a próxima a dar sua versão. Ela relata a existência do líder Indalécio, mas, exalta mesmo a Maria Dina e se diz ser sua

descendente. Chega até a mostrar uma marca no seio, dizendo ser sinal da sua descendência. Nessa versão, Deodora diz que o povo saiu fugido das terras que habitava e estando Indalécio ferido, Maria Dina, que fazia parte do seu povo, é quem encontra o local para fundar Javé. Firmino entra na conversa e diz que Indalécio morreu foi de dor de barriga e que Maria Dina era uma louca que já vivia nessas terras e que ela não fazia parte do grupo. E ainda, que o povo havia sido expulso das terras onde estava por que lá havia ouro e não haviam fugido como Deodora tinha contado.

Esse trecho do filme nos remete a situações que aconteceram no decorrer das nossas entrevistas. Numa dessas situações, temos o relato de Maria Bernadete (que foi um dos utilizados para iniciar esse texto), onde ela apresenta uma versão que tinha sido pontuada de forma diferente por todos os nossos outros entrevistados e entrevistadas. Ela nos conta que o homem que morreu no local onde foi colocada a cruz que, posteriormente, deu origem a Capela e que os outros entrevistados e as entrevistadas disseram não saber quem seria, era um homem rico, e não um indigente como pensavam.

Em outra situação, estavam presentes Maria Bernadete, Valdeci Pereira e Dona Noêmia Amaro. E na ocasião, Maria Bernadete nos conta uma versão que, também, já consta nesse trabalho, sobre a destruição da Capela, de modo que, havia tido uma enchente que destruiu a Capela e Valdeci Pereira, na ocasião, discorda, contando outra versão, que foi de acordo com parte do que já havia sido contado, anteriormente, por Josefa Ferreira, isto é, que a capela não resistiu por falta de reparos.

Ainda, no decorrer do filme, Dona Maria (Maria Dalva Ladeia), que também estava na casa de Deodora, diz que ficou sabendo dessa versão de Firmino, que Indalécio tinha morrido de dor de barriga. E que Biá podia colocar no livro as versões de Deodora e Firmino, pois as duas versões tinham sentido.

Sendo nessa mesma perspectiva do pensamento de Dona Maria, ou seja, reunir diferentes versões numa escrita, que tivemos o cuidado de buscar e citar as diferentes falas de nossos entrevistados e das entrevistadas.

Retomando as cenas do filme, outros personagens, também, deram sua versão, como os irmãos conhecidos como o Gêmeo (Orlando Vieira) e o Outro (Roger Avanzi), Pai Cariá e Cirilo. Armando Peneré, o Gêmeo, afirma que, nas suas terras, estão enterrados os restos mortais de Indalécio. Já Pai Cariá, líder de uma aldeia de Africanos que existia próxima do povoado onde Biá foi levado por Samuel (Maurício Tizumba) para entrevistá-lo. Sendo Samuel, também, responsável por traduzir a conversa entre Pai Cariá e Biá, tendo em vista que Pai Cariá falava em outra língua. Pai Cariá comenta sobre um Idaleu que foi quem os

guiou para aquela parte do mundo. Mas logo se cala, quando Biá pede a Samuel que o pergunte sobre a existência de alguma Maria Dina. E por último, Cirilo (Henrique Lisboa), um senhor que demonstrava ter um distúrbio mental, é ouvido por Biá. Cirilo estava batendo o sino da igreja, objeto de grande valor para aquele povo que, de acordo com o relato de Vicentino, trouxeram-no com tamanha dificuldade das terras de onde partiram. Ele ao ver que o povo se aproximava dele, corre para dentro da igreja e lá Biá pede para que ele fale o que sabe e ele, com dificuldade na fala, diz que as casas vão encher de água até o teto e que as vacas vão morrer afogadas.

O fato é que Biá, diferente do que fizemos com essa versão da Capela Santa Cruz da Marreca, acaba não escrevendo as versões que ouviu do povo, mandando entregar o livro em branco. E dessa forma, passado algum tempo o povoado encontrava-se quase todo já coberto pela água e o povo sem alternativa se preparava para partir. Retiraram o sino, levavam água em garrafas e se preparavam para a saída. Vindo Biá acompanhar esse acontecimento, sentiu-se muito triste por encontrar o povoado naquela situação, e então, resolve começar a escrever a partir dali a história de Javé. Vado e Firmino, percebendo o que ele fazia, logo se interessaram em fazer parte da escrita dessa história e cada um começou novamente a contar sua versão desses novos acontecimentos e, logo, outras pessoas foram aparecendo.

Finalizando...

Eis que, com esse gesto, Biá se aproxima do papel social do historiador, enquanto alguém que vai escrever algo para que o fato, o evento, a situação vivida não seja esquecida.

“A história é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias.” (PRADO; SOLIGO, 2005, p, 47) Portanto, a história é a reconstrução dos fatos já ocorridos. Porém, existe diferença entre o fato vivido e o escrito.

“O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.” (BOSI, 1994, p, 55) Pois o real já passou o que resta são fragmentos, ou melhor, vestígios que irão dar lugar e fundamentar as narrativas que vão sendo construídas ao longo da história.

Considerando,

Que o critério de seleção e seqüenciação dos acontecimentos é sempre uma prerrogativa do narrador; que as histórias que lemos e ouvimos nos remetem sempre às nossas experiências pessoais; que o narrado tem intenções nem sempre explícitas; que as narrativas são polissêmicas – ou seja, têm múltiplas possibilidades de interpretação – e, embora canônicas e modelares, a arte de narrar pressupõe algum

tipo de transgressão que contrarie as expectativas; que as narrativas ‘criam realidades’; que são as escolhas do narrador que dão o contorno da problemática de que o texto trata; que relacionamos de alguma forma as histórias de ficção com a vida real; que as histórias dialogam umas com as outras, se inter-relacionam. (PRADO; SOLIGO, 2005, p, 53)

O historiador nesse sentido deverá recolher informações em campo, observar como cada um conta a sua versão do mesmo fato. Para assim, possuir material que viabilize a montagem da sua narrativa. Possibilitando, dessa forma, a perpetuação das lembranças que apenas eram contadas, oralmente, e que, por sua vez, cairiam no esquecimento, tendo em vista, o empobrecimento das experiências.

No caso da Capela Santa Cruz da Marreca, perpetuamos as lembranças contadas por aqueles que puderam frequentá-la e tiveram seus pedidos atendidos, ou mesmo, aqueles que só ouviram falar na sua existência, do piso original da construção e alguns dos pagamentos de promessas que por lá, ainda, resistem à ação do tempo. Sendo esse local frequentado nos dias atuais por pessoas que continuam fazendo pedidos e agradecimentos.



Figura 5 - Foto de fitas amarradas na cruz, utilizadas geralmente para pagar promessas. Algumas aparentando serem recentes e outras mais antigas. (28/02/2014)



Figura 6 - Foto de uma cabeça de madeira, palitos de fósforos usados e, mais uma vez, restos de velas. Todos aparentando serem recentes. (28/02/2014)

ABSTRACT

We sought to reconstruct, in this work, the story (or stories) of the Capela Santa Cruz da Marreca Chapel, existing approximately between the decades of 1910-1980, the city Itapororoca (PB). To achieve this objective, we interviewed seven people who contributed reporting their experiences in relation to this environment. We emphasize that the place where this chapel was built is still frequented by people who remain performing their promises and prayers. We seek to further emphasize the importance and use of oral histories in the construction of the narrative, as well as considerations about memory handling and the past.

KEYWORDS: Memory. History. Santa Cruz da Marreca.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. BORGES, Jorge Luis. In: **1899-1986**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, Rodrigo Poreli Moura. **História e Memória: Perspectivas Sócio-Culturais**. [S.L.], jan. 2011. Disponível em: www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=139. Acesso em 16 de agosto de 2013. Às 10h: 20min

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Narradores de Javé: Histórias, imagens, percepções, **Fênix**. [S.I.: s.n.], Abr./Mai./Jun. 2008. Vol. 5. Ano V. nº 2. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF15/Artigo_04_ABRIL_MAI_O_JUNHO_2008_Heloisa_Helena_Pacheco_Cardoso.pdf

MORIGI, Valdir Jose; ROCHA, Carla Pires Vieira da; SEMENSATTO, Simone. Memória, representações sociais e cultura imaterial. **Morpheus** – Revista Eletrônica em Ciências Humanas – Ano 09, número 14, p. 182-191, 2012.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Intérpretes: José Dumont, Matheus Nachtergaele, Néelson Dantas, entre outros. Lumière e Riofilme: Brasil, 2003. (102 minutos).

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO Rosaura. Memorial de Formação – quando as memórias narram a história da formação... PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO Rosaura (org.). In: **Porque escrever é fazer história**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.

PRIBERAM DICIONÁRIO. Disponível em: <http://www.priberam.com/DLPO/consultar.aspx>. Acesso em 27 de janeiro de 2014. Às 19h: 56min.